

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

YAMINI BENITES/DIVULGAÇÃO/JC

Espetáculos
Muita Água
(foto) e *Enquanto
Esperamos* estão
entre as atrações do
Porto Verão Alegre



DANÇA

Corpos que expressam o impacto da

CATÁSTROFE CLIMÁTICA

Adriana Lampert

adriana@jornaldocomercio.com.br

As enchentes que assolaram a Capital e mais 94% dos municípios do Rio Grande do Sul, em maio de 2024, são o mote de duas montagens de dança, que estreiam na 26ª edição do Porto Verão Alegre. Os espetáculos *Enquanto esperamos* e *Muita água* acontecem, respectivamente, às 20h desta quarta-feira, no Teatro Bruno Kiefer da Casa de Cultura Mário Quintana (Rua dos Andradas, 736, 6º andar) e às 19h30min dos dias 21 e 22 de janeiro, no Goethe-Institut Porto Alegre (Rua 24 de Outubro, 112). Ingressos à venda no site oficial do festival.

As duas criações artísticas abordam a relação dos acontecimentos sociais e ambientais de forma distinta. *Enquanto esperamos*, da Cia H Dança, tem como referência a obra *Esperando Godot*, de Samuel Beckett (1906-1989), e apresenta personagens abrigados da chuva à espera de uma perspectiva e socorro para suas vidas - que,

assim como o Sr. Godot do texto de Beckett, nunca chega. Já em *Muita água*, os performers Cibele Sastre, Fabiano Nunes e Juliana Vicari desdobram suas experiências corporais a partir da “transformação radical barrenta”, em meio a uma sociedade desgovernada.

Criando um espaço de expressão e conscientização, ambos espetáculos foram pensados para ajudar o público a processar e refletir sobre o evento trágico, e alertam para o fato de que, se nada for feito pelo poder público e também por cada cidadão, no que lhe cabe, a tendência é que novas catástrofes se pronunciem. “Tocamos no ponto do negacionismo climático, presente no planeta todo, que tem a ver também com o negacionismo científico, uma vez que a ciência alerta há muitos anos sobre as mudanças climáticas, e a gente espera sentado (o pior acontecer)”, destaca a bailarina e coreógrafa Juliana Vicari. “No caso da tragédia no Estado, estamos falando de uma situação sócio-econômico-ambiental que

ainda está presente: no início deste ano, já vimos Porto Alegre inundada novamente, em muitos bairros.”

A artista revela que, em *Muita água*, ela e seus dois colegas de palco apresentam um trabalho crítico, “ácido”, que usa de ironia e sarcasmo para “tocar na ferida” e lembrar da responsabilidade de cada um nesse processo. Ela destaca que a montagem é uma eperformance de “dança-denúncia” de um sistema colapsado pelas águas. “Durante o processo criativo, nos perguntávamos: como eu sinto e o que eu faço no meu dia a dia, qual minha tomada de consciência em relação ao planeta?”, observa Juliana.

Figurados com capas e botas de chuva (em referência ao “uniforme” que muita gente usou em meio à tragédia de maio), os três performers ainda devem captar as experiências de cada pessoa da plateia, por meio de perguntas feitas antes do início do espetáculo. Sem música ou cenário, apenas com seus corpos (e o texto de Nunes), uma bandeira do Rio Grande do Sul ao

fundo do palco e alguns elementos, como uma cabeça de esponja que simboliza o cavalo Caramelo, símbolo de resistência em meio às enchentes, os artistas ainda criticam “uma certa romantização” da tragédia, usada como alternativa para aliviar mortes, casas destruídas e cidades perdidas.

Também de forma cética, os bailarinos Edison Garcia, Caio Alencar, Tami Melegari, Bruno Manganelli e Andressa Pereira, da Cia H Dança, expressam a angústia, a tristeza, e a raiva que seus personagens sentem ao descobrirem que aquilo que esperam é inatingível. “A gente procura não ser explícito, porque cada pessoa sentiu a enchente de uma maneira diferente, então buscamos passar o que nosso grupo sentiu - não estamos falando da enchente física, mas da vulnerabilidade (que sentimos) depois da enchente”, ressalta o diretor Ivan Motta. Segundo ele, a montagem conta com trechos da obra de Beckett na voz de Garcia, que faz a vez do mensageiro (de no-

tícias que não chegam), que faz a ligação do enredo e explica ao público o contexto dos outros quatro personagens. “Eles querem saber o que vai acontecer, mas a verdade é que não existe uma resposta. Estamos sempre esperando alguém que nos beneficie, que nos dê um norte, e na expectativa de algo que nunca vai acontecer”, avalia o diretor.

Contando com uma trilha sonora composta de uma colagem de músicas que vão desde o rock até o clássico, *Enquanto esperamos* acontece entre duos, solos e diálogos coreográficos com todos os artistas em cena. Ivan Motta observa que, originalmente o único cenário da peça de Beckett é uma árvore desfolhada, para dar ideia de aridez. “No nosso espetáculo, essa árvore aparece em forma de direção de luz, um desenho projetado por um globo. Além disso, optamos por utilizar alguns elementos cênicos, como telefone, guarda-chuvas, botas, livros, mapas, fechaduras de porta, que a gente usa para compor a ambientação.”